

Potencialidades agrícolas: Arroio do Tigre em cena

Resumo: O objetivo do trabalho foi compreender as potencialidades agrícolas do município de Arroio do Tigre/RS tomando por base a retrospectiva histórica, passando por transformações na base produtiva e a atual permanência das atividades agrícolas como orientadoras para o mercado. A análise baseia-se em documentos e dados secundários da atividade agrícola local. O trabalho analisa a evolução e a implicância da atual base produtiva na economia da região e nas ações dos agricultores familiares. O estudo possibilitou identificar que o fumo é a principal atividade orientada para o mercado e o cultivo do milho, feijão, trigo e soja atuam como atividades complementares de renda. Por fim, assinalamos a existência de outros produtos voltados apenas para o autoconsumo da família designando importante papel na composição da dieta dos agricultores.

Ezequiel Redin*

*Tecnólogo em Agropecuária: Sistemas de Produção (UERGS), Mestre e Doutorando em Extensão Rural (UFSM). Tutor a distância do Tecnólogo em Agricultura Familiar e Sustentabilidade

Agricultural potential: Arroio do Tigre on the scene

Abstract: The objective of the work was to understand the agricultural potentialities of the municipal district of Arroio do Tigre/RS taking for base the historical retrospective, going by transformations in the productive base and the current permanence of the agricultural activities as advisors to the market. The analysis bases on documents and secondary data of the local agricultural activity. The work analyzes the evolution and the implication of the current productive base in the economy of the area and in the family farmers' actions. The study made possible to identify that the tobacco is the main activity guided for the market and the cultivation of the corn, bean, wheat and soy act as complemental activities of income. Finally, we marked the existence of other products returned just for the self-consumption of the family designating important paper in the composition of the farmers' diet.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Fumo; Produção agrícola; Autoconsumo, Arroio do Tigre.

Key-words: Family agriculture; Tobacco; Agricultural production; Self-consumption, Arroio do Tigre.

Introdução

O desenvolvimento rural mediado pelas relações econômicas estabelecidas em âmbito do mercado parece, nos últimos anos, controlar ou servir de parâmetro para mensuração dos índices de desenvolvimento, principalmente econômico, que convoca a interpretação sobre o cenário local. Entretanto, há situações em que a compreensão do desenvolvimento transcorre por outros contornos, considerando também os aspectos sociais, culturais e ambientais. No desenvolvimento da agricultura, peça chave de muitos municípios, esse cenário traz elementos para a reflexão sobre o modelo de desenvolvimento proposto e considerado. Dentro dessa perspectiva, debates contemporâneos têm surgido em torno da condição das famílias agricultoras, tal qual expressa Redin e Silveira (2011) quando faz menção a duas concepções: a) aos primeiros, habituados a um discurso que busca homogeneizar os agricultores sob o rótulo de empresários rurais cada vez mais sintonizados com o mercado, soa como heresia falar em características camponesas na agricultura, pois isso se vincularia a um passado que o desenvolvimento das forças produtivas deixou para trás; b) aos segundos, mesmo defensores de uma agricultura de base familiar, falar em campesinato é desconstituir essa categoria como tipo de agricultura capaz de responder às demandas da sociedade, de produzir alimentos a preços acessíveis para a maioria da população e de gerar trabalho e renda no espaço rural, de modo não somente viável como funcional ao sistema capitalista.

Independente dessa condição, a agricultura está fortemente relacionada à existência de canais de comercialização para demandar o excedente de produção. Diante do sistema industrial, movido por condicionantes internos e externos os agricultores optam pelas atividades que, teoricamente, tem a possibilidade de remunerar de forma justa o trabalho empregado na atividade. Entretanto, as flutuações do mercado agropecuário, os programas de incentivo e as dificuldades relativas ao setor impõem uma dinâmica que emprega um risco eminente à atividade agrícola. Os agricultores na ânsia de minimizar tais ímpetos usam diversas estratégias diante do cenário atual.

Para construção dessa reflexão, usamos como material de análise documentos vinculados a história do município, pesquisas com informantes qualificados e representantes do setor público. Com essas informações foi possível sistematizar e discutir durante o trabalho a importância dada as atividades rurais e sua implicância local. A escolha do município para o estudo pautou-se principalmente no conhecimento prévio da região e dos atores rurais, pelo destaque na produção agrícola e de tabaco tipo Burley na região e no sul do país, fornecendo ao local, características de uma economia voltada, principalmente, para o setor primário. Para tanto, o trabalho objetiva compreender as potencialidades agrícolas do município de Arroio do Tigre/RS, tomando por base a retrospectiva histórica, passando por transformações na base produtiva e a atual permanência das atividades agrícolas como orientadoras para o mercado.

Retrospectiva da agricultura em Arroio do Tigre

Arroio do Tigre é um dos nove municípios integrantes da Região Centro Serra que compõem o Corede Vale do Rio Pardo, fazendo divisa territorialmente ao norte com Estrela Velha e Salto do Jacuí, ao sul com Sobradinho, a oeste com Ibarama e a leste com Tunas e Segredo, conforme figura 04. Em meados de 1900/1920, época anterior a sua emancipação, a região já se destacava por sua potencialidade agrícola. O fumo como estratégia de reprodução

¹ O primeiro presidente foi Bernardo Hackenhaar, tem permanecido à frente da Cooperativa na gestão pelos primeiros 40 anos, sendo atualmente presidida por Mário José Schaefer. Informações presentes na Ata da Comacel.

² Elevado à categoria de município com a denominação de Arroio do Tigre, pela lei Estadual nº 4605, de 06-11-1963, desmembrado de Sobradinho.

³ O término do contrato da Comacel

seus produtos agrícolas no mercado, fez com que eles se unissem para estocar e vender sua produção. Perante esta realidade, 22 agricultores decidiram criar uma cooperativa para receber e beneficiar a sua produção e, a partir disso, no dia 28 de março de 1920, fundaram a Comacel¹. Por meio da cooperativa, os agricultores se fortaleceram no mercado possibilitando barganhar os preços dos produtos cultivados e nos artigos comprados em outras regiões.

Por volta da década de 60, a comunidade de Arroio do Tigre construiu um moinho para a trituração de trigo, inicialmente, para consumo das famílias agricultoras. Três anos mais tarde, em 1963, Arroio do Tigre consegue sua emancipação da cidade de Sobradinho². Até a década de 70, as estratégias de reprodução dos agricultores continuavam idênticas, onde se cultivava tabaco para a comercialização, a criação de suínos para carne e venda da banha - que tinha um valor muito alto na época - bem como produtos para o autoconsumo da família como o milho, feijão, trigo, mandioca e produtos oriundos da fruticultura e horticultura. Nos últimos 40 anos, alguns agricultores iniciaram um processo de aquisição de maquinários agrícolas, época em que os analistas apontam como um período de modernização e industrialização, tal como afirma Muller (1989), que o processo de integração entre a indústria e agricultura não se deram à margem das relações entre as grandes empresas, os grupos econômicos e o Estado. Este último atuou através de subsídios creditícios, incentivos fiscais e todo um arcabouço de políticas incentivadoras das exportações. Nesse sentido, o processo de integração indústria-agricultura foi designado, por Muller, de complexo agroindustrial (CAI). Resumidamente, o autor entende, o CAI como uma unidade de análise do processo sócio-econômico que envolve a geração de produtos agrícolas, o beneficiamento e sua transformação, a produção de bens industriais para a agricultura, os serviços financeiros, técnicos e comerciais correspondentes e os grupos sociais.

Nesse processo de transformação agrícola, a década de 80, foi marcada pela expansão da soja no município. Talvez, esse fato foi conjugado com a aquisição das primeiras máquinas e implementos agrícolas no final da década de 70. Temos relatos de agricultores afirmando que a instituição financiadora das máquinas agrícolas exigia dos mesmos um documento comprobatório de outro produtor, que possuía colheitadeira de soja, para ratificar que iria colher seu produto, tendo como garantia de que as máquinas financiadas seriam pagas. Tal fato pode ser um dos motivos que explicam a expansão da soja nas atividades dos agricultores, uma vez que o crédito era liberado por intermédio, principalmente, do cultivo da leguminosa. Desse modo, para obter recursos financeiros para a aquisição das tecnologias agrícolas era necessária a integração desse grão na dinâmica produtiva das unidades de produção. Concomitantemente, se aumenta o número de variedades de fumo e a produção e comercialização dos produtos agrícolas (milho, soja, trigo, feijão e fumo principalmente). Ao final da década, apenas, chega com intensidade mais elevada o emprego de tecnologia, o advento da mecanização e utilização de insumos industriais, assim, em certa medida, fortalecendo as exportações.

Um recorte nessa análise se faz necessária, em que as dificuldades no momento da produção agrícola eram enormes, dadas as condições precárias e a inexistência de tecnologia até então, sendo que parcela significativa usava apenas alguns instrumentos para mexer com a terra, como a capinadeira puxada por um cavalo, quando isso era ainda de seus pertences. Em algumas situações era necessário empréstimo do vizinho ou trabalhar manualmente com suas foices, facões, enxadas e machados. Não menos, essa aquisição feita pelos agricultores (e outros dos arredores) propiciou algumas facilidades uma vez que tornava o processo de preparação da terra para o plantio menos oneroso, com menor grau de penosidade e mais rápido. Algumas implicações surgiriam com o emprego da tecnologia, como o abastecimento do trator e suas respectivas parcelas do financiamento. Entretanto, como àquela parcela de

produtores ainda continuavam na produção de fumo essa dificuldade foi amenizada, devido os rendimentos e ingressos financeiros do tabaco, aliado também a produção de soja, que no momento era bem mais propícia. Outro adendo se faz importante sob o processo de modernização, principalmente, porque ele aconteceu somente com os agricultores mais estruturados economicamente e que as suas propriedades sustentavam o emprego do maquinário agrícola, pois ainda hoje temos em Arroio do Tigre, agricultores que não tem em suas propriedades o trator e seus respectivos implementos, uma vez que o relevo acidentado impede sua utilização, mesmo tendo condições financeiras para a aquisição ou incentivos do Estado.

Mesmo com a expansão de outros produtos agrícolas e a amplitude do mercado, o tabaco continua sendo o principal produto que move a economia de Arroio do Tigre/RS, sendo exportado até metade da década de 90. A posteriori, as indústrias de tabaco já tinham se consolidado na região do Vale do Rio Pardo e a produção parou de ser exportada³ diretamente e começou a ser transportada até as indústrias localizadas principalmente em Santa Cruz do Sul. Na década de 2000, o município liderou por vários anos como a maior produção de feijão do Estado, evidentemente, sempre em conjunto com o fumo que nunca deixou de ser referência na região.

Atualmente, o município possui aproximadamente 12.820 habitantes, segundo dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE DADOS, 2009), sendo que destes, 6.539 (51%) se encontram na área urbana e os demais 6.281(49%) em áreas rurais. Os dados de 1970 demonstram que existiam 93% no meio rural, enquanto no meio urbano apenas 7%, assim sendo, com o passar dos anos aconteceram alguns fatos que modificaram esse cenário.

Nesse sentido, a principal redução da população rural ocorre, sobretudo, entre a década de 90 e 2000, onde temos 4.888 pessoas a menos no meio rural do município. Esse fato pode ser explicado pela organização de dois distritos de Arroio do Tigre (Itaúba e Estrela Velha), em torno à emancipação que, segundo o IBGE, com a Lei de Criação número 10.664 de 28 de dezembro de 1995, passam a constituir o novo município de Estrela Velha, funcionando administrativamente a partir de primeiro de janeiro de 1997. Desse modo, analisando os números da FEE DADOS, em 1996 temos 10.434 pessoas no meio rural, no entanto, com a emancipação de Estrela Velha reduziu para 7.614 em 1997, ou seja, uma diminuição de 2.820 indivíduos no interior do município⁴. O destaque é relevante no sentido de perceber que não existiu, em certa medida, um processo de intenso êxodo rural, pelo contrário, as famílias permaneceram no mesmo local, apenas em um município diferente. Em menor relevância, mas não menos importante, a população no meio urbano também começa a acender, um pouco, orientada pelo desenvolvimento do meio urbano que trouxe oportunidades, assim explicando o acréscimo da sociedade urbana.

que intermediava fumo pela antiga Meridional acabou finalizando as exportações diretas.

⁴ No período de 1991, momento de início dos registros de óbitos, até 2000 foram constatadas 964 óbitos no município (FEE DADOS), dado esse que contempla pessoas do meio rural e urbano, ao mesmo tempo.

⁵ Sendo que dentre esse dado

Ano	Demografia no rural e urbano em Arroio do Tigre		
	População Rural	População Urbana	Total
1970	14.970	1.135	16.105
1980	13.710	2.471	16.181
1990	11.834	3.747	15.581
2000	6.946	5.270	12.216
2009	6.281	6.539	12.820

Tabela 01- Demografia da população no meio rural e urbano de Arroio do Tigre/RS

temos 19% das famílias produtoras não possuem terra e trabalham em regime de parceria (AFUBRA, 2010).

⁶ O tema ilustrado no pórtico de entrada do município foi legitimado pela sociedade da região. Por outro lado, a título de exemplificação, Sobradinho é denominado a capital do feijão, porque anteriormente a emancipação de Arroio do Tigre a produção dos agricultores eram vinculadas a este município. Desse modo, foi registrado oficialmente, mas Sobradinho não tem mais relevância como produtora de feijão no Estado.

⁷ O preço do Kg dos produtos agrícolas - feijão, milho, soja e trigo - foram estabelecidos, após consulta a Cooperativa Triticola de Espumoso Ltda- Cotriel- em 16 de Novembro de 2010. Disponível em: <http://www.cotriel.com.br/>. O preço do médio do Kg fumo foi obtido pelo cálculo da Afubra na Safra 2009/2010 para o município de Arroio do Tigre.

Como percebemos a história de Arroio do Tigre (e anterior a sua emancipação) estão atreladas as suas potencialidades agrícolas. O destaque pela pujante produção agrícola caracteriza-se por uma agricultura de base familiar, congregando 2.610 famílias produtoras de tabaco⁵, atingindo 90% das propriedades rurais do município, sendo este o maior produtor de fumo tipo Burley Sul-brasileiro (tipo de fumo que movimenta anualmente R\$ 24 milhões em Arroio do Tigre/RS). A cultura do tabaco (Burley e Virginia) responde por 43,8 milhões de reais no município, bem como representa 57% do valor produzido na propriedade, segundo dados da Afubra (2010). Além dessa expressiva cultura, destaca-se na produção de soja, milho e feijão, além da suinocultura, da atividade de leiteira e da piscicultura, que complementam o universo das propriedades, sem calcular os produtos para o autoconsumo da família que são diversos. Atualmente com a cultura do feijão, ocupa o segundo lugar em produção do Estado. Por essas características, fortalecendo um bom leque de produtos agrícolas e pela sua sobressalência em relação aos outros municípios integrantes da região é que se justifica o título de Arroio do Tigre: o celeiro do Centro Serra⁶.

Reflexão das principais atividades agrícolas comerciais

Na última safra 2008/2009, grosso modo, as famílias agricultoras optaram por continuar sua reprodução de ciclo curto nas atividades tradicionais, com mercado já consolidado, sempre diminuindo ao máximo possível os riscos eminentes da atividade. Percebemos na tabela 03 que, em certa medida, os agricultores mesmo tendo a opção por um interessante leque de estratégias de reprodução, as culturas escolhidas voltadas a comercialização são sempre àquelas já cultivadas tradicionalmente. Talvez, isso que nos levou a delimitar já previamente que o fumo é a estratégia de reprodução principal, considerando sua retrospectiva e importância histórica no processo de desenvolvimento do município de Arroio do Tigre/RS. Nesse âmbito, a dificuldade de obtenção de dados secundários sobre o município nos fez, por várias vezes, entrarmos em contato diretamente com a Secretaria da agricultura, bem como com a Empresa Assistência Técnica e Extensão rural (EMATER) de Arroio do Tigre/RS. Nessa investigação, conseguimos alguns dados em primeira mão, ainda não disponíveis, aos quais elaboramos a partir deste momento análises sobre a realidade do meio rural.

Produtos	Principais produtos agrícolas em Arroio do Tigre- Safra 2008/2009				
	Área (ha)	Produção (t)	R.med. Kg/ha	R\$ aprox./kg ⁷	R.B aprox./ha
Feijão Preto (1º Safra)	1.200	940,8	784	R\$ 1,167	R\$ 914,61
Feijão Preto (2º Safra)	600	972	1.620	R\$ 1,167	R\$ 1.889,89
Fumo	7.250	12.687,5	1.750	R\$ 6,24	R\$ 10.920,00
Milho (grão)	6.000	19.026	3.171	R\$ 0,375	R\$ 1.189,13
Soja Convencional	5.500	14.036	2.552	R\$ 0,7167	R\$ 1.829,02
Trigo	400	504	1.260	R\$ 0,355	R\$ 447,30
Total	20.950	-	-	-	-

Tabela 02- Principais produtos agrícolas em Arroio do Tigre/RS – Safra 2008/2009

A cultura do feijão, estratégia de reprodução complementar, apesar de sua boa produção, ganha destaque pela sua relevância histórica, na composição da renda e autoconsumo dos agricultores familiares. Analisando simplificadamente os dados, podemos supor que as culturas do feijão, milho e soja deveriam ser consideradas também como estratégias principais, no entanto, ressalvas são necessárias. A produção de feijão nas unidades de produção que tem o fumo como foco principal é flutuante pela limitação de mão de obra, às vezes, também pelo tamanho da propriedade. As relações intrínsecas da unidade de produção evocam para escolhas seguindo a alocação dos fatores de produção. Em alguns casos, para suprir essa demanda da força de trabalho no momento da colheita são contratados trabalhadores das zonas marginais do centro urbano, que organizados em grupos empreitam lavouras de feijão, considerando para fins de cálculo do valor do trabalho o volume de produção plantada⁸. O custo da contratação dessa mão de obra já ultrapassa a escala dos 26%, comparada com a rentabilidade do feijão (1ª Safra) por hectare da safra 2008/2009, além do que ainda não contabilizamos os custos do plantio, dos insumos e agrotóxicos aplicados, nem as despesas para a triagem e carregamento do produto. Grosso modo, somando todos os custos de produção⁹, a rentabilidade por hectare é mínima. Entretanto, essa prática é mais comum que as trocas de serviço entre os agricultores. Em alguns casos, depois de pago o montante do serviço antecipadamente, o grupo contratado informalmente não termina o trabalho, rescindindo a confiança entre o contratante (agricultor) perante o contratado (representante do grupo). Essa peculiaridade aponta para uma experiência negativa do agricultor com o cultivo, afetando diretamente nos custos de produção. Na próxima safra, necessitando novamente contratar mão de obra para a colheita, a família irá analisar de forma cuidadosa antes de decidir se continua com essa estratégia de reprodução complementar ou não, o que não impede de voltar a cultivar em anos posteriores. Seguindo nessa reflexão, os agricultores dificilmente contratam trabalhadores para permanecer na sua propriedade durante toda a safra agrícola, esse fato, além de aumentar os custos da propriedade, são temidos também prejuízos financeiros, caso o trabalhador deseje entrar na justiça do trabalho, por exemplo, por não receber horas extras depois de completado a jornada de trabalho. A prática mais corriqueira é a busca de famílias meeiras que possuem boas indicações, demonstradas confiança prévia. As relações de parcerias são estabelecidas para a produção de tabaco.

Os custos de produção do feijão são considerados altos, devido aos insumos ocuparem grande representatividade e a necessidade de contratação de mão de obra acaba elevando o passivo da produção. Sem incitar as adversidades climáticas negativas para o bom desempenho da cultura e, normalmente, o agricultor não possui ganhos significantes com a mesma, conseqüentemente, em muitos casos, o produto passa a ser produzido apenas para o autoconsumo (estratégia de reprodução básica), quando o agricultor não tem na família mão de obra suficiente para a colheita do fumo e do feijão ao mesmo tempo, não pretende contratar força de trabalho ou não tem capital para tal.

Na tabela apresentada, o cultivo do milho alcança 6.000 hectares e o feijão (2ª safra) 600 hectares. Os dois cultivos juntos representam 6.600 hectares no município de Arroio do Tigre. A escolha da produção de fumo fornece possibilidade de praticar duas culturas na mesma safra, após a colheita do tabaco, as duas estratégias possíveis são, respectivamente, o milho e o feijão, ocupando parte da adubação da cultura anterior. Portanto, aproximadamente 91% da área cultivada com fumo nesta última safra, podem estar vinculadas aos cultivos de milho e/ou feijão safrinha. Talvez, poderíamos inferir que um dos motivos que a produtividade do feijão (2ª Safra) aumenta nessa época, é pela adubação residual que permaneceu no local, bem como as características climáticas mais propícias do que na safra normal. Cabe ressaltar que os dados

⁸ Por exemplo, os trabalhadores formam o valor de seu trabalho tomando por base o preço do feijão, ou seja, cobram o valor cinco sacos vendidos (70,00 x 5= R\$ 350,00) para a colheita de um saco de feijão plantado. Este valor será duplicado se o agricultor tem dois sacos plantados e, assim sucessivamente. Os trabalhadores exigem ainda café da manhã e, em alguns casos, o almoço também. O transporte dos trabalhadores deve ser contratado e pago pelos agricultores. Normalmente iniciam as atividades por volta das 6 horas e terminam aproximadamente às 11 horas da manhã, quando o sol começa a ficar mais forte. Caso, não se terminou a colheita da lavoura (arranque do feijão) voltam no outro dia, para acabar. A quantidade de trabalhadores de que virá trabalhar é variável, de acordo com a necessidade de rapidez do grupo contratado e do ganho por dia que pretendem auferir, dividindo o montante estabelecido. O serviço contratado informalmente é apenas para arranque do feijão, não envolvendo as etapas de amontoamento, triagem e carregamento do produto para o estabelecimento.

⁹ Nosso objetivo não é calcular a viabilidade econômica de cada cultura, porém acreditamos necessária uma breve contextualização sobre os dados que dispomos, em comparação com outras culturas temporárias.

não abrangem a produção para o autoconsumo tanto da família como da propriedade, onde esses últimos serão utilizados na alimentação de suínos, bovinos, aves, entre outras. Comumente, a produção do milho pode ser transformada em silagem, triturado para ração ou mesmo mantido sua espiga para alimentação dos animais, singularmente, usado para as vacas leiteiras, quando é uma atividade predominante na propriedade.

A soja se torna preponderante, em unidades agrícolas maiores de trinta hectares, em terras com relevo plano e com considerável emprego de tecnologia, onde se configuram agricultores que dispõem de ativo imobilizado, limitante no fator mão de obra. Entretanto, isso não suprime as unidades agrícolas com menos de trinta hectares produzirem a commodity. Muito pelo contrário, ela também serve de complemento de renda, mas nesse último necessitam contratar serviços para o plantio e colheita, principalmente. Nesse momento, abdicamos dessa análise, aquelas famílias com propriedades com alta restrição. Ao mesmo tempo, o cultivo do trigo teve redução de produção, nos últimos anos, sendo um fator relevante que condicionou isso, segundo informações dos agricultores, foi o alto custo de produção, o baixo preço de comercialização e a entrada do produto pelo Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). Constatamos que um dos principais problemas vinculados pelos agricultores quando se trata da produção agrícola são os preços desprezíveis dos produtos, alto custo dos insumos e as instabilidades climáticas. As dificuldades são, claramente, vinculadas a uma agricultura voltada para o mercado, onde prevalece a dependência dos agricultores pelos insumos externos e de um mercado consolidado, em que o produtor não necessita buscar a comercialização direto ao consumidor. Ao contrário, deixa esta parte para os intermediários ou a indústria que tem ganhado em detrimento do trabalho do agricultor.

Quando sobrepujamos nossa análise para a cultura do fumo e as estratégias complementares, Van der Ploeg (2006), traz a tona o que chama de produção dependente do mercado (Fig. 02), sendo aquela em que todos os recursos são mobilizados em seus correspondentes mercados para, em seguida, entrarem no processo de produção como mercadorias. As relações mercantis entram no coração do processo de produção e trabalho sendo assim considerados como um modo de produção empresarial.

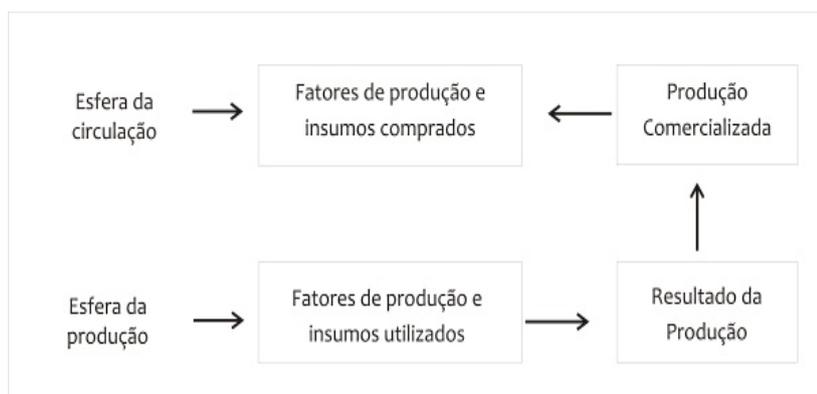


Figura 02 – Reprodução dependente do mercado
 Fonte: Adaptado de Van der Ploeg (2006)

No entanto, mesmo que a produção esteja voltada para o mercado e a gestão da família agricultora possuir um comportamento similar a uma empresa, isso não confere a ela uma condição estritamente econômica, pelo envolvimento dos elementos considerados não estritamente econômicos. Entretanto, nessas circunstâncias, é inevitável não racionalizar seus

recursos em detrimento do maior retorno financeiro, quando se identifica oportunidades de desenvolvimento endógeno da propriedade. O discurso que procura homogeneizar as famílias agricultoras com rótulos de empresas rurais, parece estar soando como algo perverso para esta classe, dando a compreender que ser integrado ao mercado não cabe a classe da agricultura familiar. Quiçá, a suposta dominação da indústria pela agricultura deve ser entendida como Paulilo (1990, p. 103): “dominar não necessariamente significa aniquilar ou cooptar, de tal forma que a lógica de um só dos pólos, o dominante, alcançaria explicar a resultante do embate de interesses em conflito”.

Ao optar pela integração o produtor não está destruindo a assimetria dessa relação onde, visivelmente, a indústria é o lado mais forte, todavia, está participando da formação de um consenso mínimo que admite que a relação não só transcorra como também seja considerada legítima. No processo de formação desse consenso ingressa parte dos interesses dos agricultores, orientado, basicamente, na direção de uma menor necessidade de mão de obra e da obtenção de uma renda segura e constante, apesar de que esses dois aspectos nem sempre caminham juntos (PAULILO, 1990). Por bem, as ações de cooperação entre ambos podem explicar, em parte, essa relação constante entre o agricultor e a indústria.

Entre os principais produtos agrícolas destacados na Tabela 02 é inevitável deixar de realçar a alta renda bruta por hectare do cultivo de fumo na safra 2008/2009 em Arroio do Tigre/RS. Segundo nossos cálculos a partir das informações da Emater/Arroio do Tigre, a renda bruta aproximada por hectare para o cultivo do fumo alcançou o patamar de R\$ 10.920,00. Independente do dado que utilizamos para nossa reflexão, a produção de tabaco por hectare é altamente rentável comparando com o feijão, milho, soja e trigo. A alta renda bruta é um dos fatores mais preponderantes no momento do agricultor decidir suas estratégias de reprodução de ciclo curto. Em pesquisa com os agricultores que produzem fumo na localidade de Linha Paleta, Redin e Lunardi (2007), constataram que 46% dos entrevistados apontaram que a cultura é mais rentável economicamente em comparação as outras, sendo este o principal motivo para sua permanência na atividade. Paulilo (1990, p. 169) constatou que: “Se por um lado, os fumicultores formam um conjunto bastante heterogêneo, o motivo pelo qual se dedicam a essa lavoura é de uma homogeneidade surpreendente: dinheiro. Esse é um elemento-chave para se entender o relacionamento entre empresa e produtor”.

As estratégias de reprodução complementares fornecem subsídios em anos agrícolas quando o fumo não tem uma boa produtividade, devido a fatores climáticos ou sua comercialização está muito rigorosa. A produção de tabaco na safra 2008/2009, apresentada na tabela, sofreu durante o desenvolvimento da cultura, fortes precipitações, conseqüentemente, resultou numa redução na produtividade e na qualidade do produto final, onde alguns produtores foram mais afetados que outros, pela sua localização e condições do edafoclimáticas. Nessas circunstâncias é que as estratégias de reprodução complementares (feijão, milho, soja e trigo) e as estratégias de reprodução básicas (todas aquelas voltadas para o autoconsumo) fornecem segurança às famílias agricultoras. Por exemplo, conhecemos um agricultor que, pela primeira vez em 40 anos de cultivo do tabaco, teve prejuízos financeiros com a cultura pelas instabilidades do clima, dadas em função das características do solo de sua propriedade não responderam as intensas chuvas, conseqüentemente, teve um declínio na produção e qualidade abaixo da média esperada. O agricultor empregou os rendimentos da safra de soja para sobrepor a dívida da produção de tabaco. Evidentemente, para dar continuidade a sua reprodução na agricultura necessitou de comercializar alguns bezerras e porcos que, normalmente, seriam para o autoconsumo da família, mas em momento de crise, servem como

forma de proteção no mercado agropecuário. Nesse caso, as estratégias de reprodução complementares e as estratégias de reprodução básicas estão sendo circunstanciais para minimização do risco e manutenção das atividades agrícolas. Ao mesmo tempo, não deixa de ser uma segurança para o agricultor. Ou, como afirma Ellis (2000), o ato de diversificar e produzir para o autoconsumo remete a uma resposta para os momentos de crise e insegurança.

Na próxima tabela, apresentamos o que consideramos como estratégias de reprodução básicas, que estão presentes na grande parte das propriedades dos agricultores familiares, principalmente, daqueles com mais tempo no local da atividade. Oferecemos destaque para a diversidade de produtos que são, fundamentalmente, para o autoconsumo da família e em algumas oportunidades com possibilidade de compor a renda. A estimativa dos dados da Emater teve como base a análise de todas as propriedades rurais, sugerindo um olhar menos minucioso, pela dificuldade de alcançar um valor que se aproxime mais perto da realidade, pois grande parte dos produtos, elencados na Tabela 03, não é comercializada, também podendo ser usados como subprodutos.

Destacamos a produção de mandioca, alcançando nesta safra de 2008/2009 600 hectares plantados. A atividade é realçada por sua característica laboriosa no momento da colheita, exigindo uma mão de obra que enfrenta considerável grau de penosidade quando se deseja retirar o produto da terra com suas características intactas, sendo, esse um dos motivos que muitas famílias do município usam apenas para o autoconsumo, em mínimos casos, é comercializada. Também serve de alimentação para os animais (suínos e bovinos) da propriedade, quando existe um excedente razoável de produção. Por outro lado, a batata inglesa, em menor expressão é cultivada com o intuito de substituir a mandioca na alimentação, no período em que essa última não está disponível.

Os 47 hectares de laranja são derivados de pomares próximos as propriedades consideradas mais antigas, para a suficiência da família. Nos pomares para fins comerciais, encontramos duas propriedades em Linha Cereja, uma em Morro da Lentilha e uma em Linha Taquaral, sendo as mais expressivas para o momento, mas não ultrapassando a escala de 2,5 hectares cada. O restante, equivalente a frutífera, responde pela alimentação das famílias. Não muito distinto, é o caso da batata doce que atinge 80 hectares no município, da pêra (24 hectares), da cebola (40 hectares) e da melancia (8 hectares). Por outro lado, fato particular se mostra para a produção de cana de açúcar que atinge 45 hectares sendo usada, principalmente, para a produção de melado para a propriedade e venda do excedente, quando surgir oportunidade. Não tão expressiva, o produto leva mera desvantagem ao comparado ao melado extraído da cana de açúcar do município de Agudo, segundo informações dos agricultores, pois alegam que as características ambientais são mais propícias no município germânico, resultando em qualidade superior em relação ao melado de Arroio do Tigre. Como a produção de melado é ínfima, ela geralmente tem como prioridade o abastecimento familiar. Temos apenas um caso de agricultor que subtraia da cana de açúcar a cachaça, mas atualmente, não têm mais produção.

Produtos	Produção diversificada em Arroio do Tigre- Safra 2008/2009		
	Área (ha)	Produção (t)	Rend. médio Kg/ha
Amendoim	30	45	1.500
Batata Inglesa	100	100	10.000
Cebola	40	480	12.000
Tomate	3	66	22.000
Alho	8	28	3.500
Melancia	8	120	15.000
Melão	4	16	4.000
Batata Doce	80	1.600	20.000
Ervilha (grão)	2	2	1.000
Cana de açúcar	45	540	12.000
Mandioca	600	8.400	14.000
Laranja	47	470	10.000
Uva	15	66	4.400
Figo	5	50	10.000
Pêssego	15	135	9.000
Caqui	15	50	10.000
Marmelo	1	4	4.000
Pêra	11	121	11.000
Abate	2	60	30.000
Noz	2	2	1.000
Goiaba	2	22	11.000
Tangerina	24	240	10.000
Limão	5	45	9.000

Tabela 03- Produção diversificada em Arroio do Tigre - Safra 2008/2009
 Fonte: Redin (2011)

Alguns trabalhos tratam de compreender como acontece a produção para o autoconsumo. Em sua mais recente publicação Grisa e Schneider (2008) ressaltam seis fatores que podem interferir na existência e intensidade da produção para autoconsumo, quais podemos destacar: a) características da unidade familiar; b) condições técnicas de produção e produção agropecuária; c) diferentes fontes de renda; d) repertório cultural; e) dinâmica da agricultura familiar local; f) proximidade aos mercados; g) preço dos alimentos e alimentos “prontos”. Nessa relação, nem todos interferem ao mesmo tempo e, em todas as unidades familiares, mas são fatores que transcorrem a tomada de decisão e laçam argumentos que podem explicar as diferenças entre universos sociais e no interior dos mesmos.

Geralmente, os agricultores familiares não contabilizam os alimentos de autoconsumo como relevantes, pois não consideram pela não representação de ingressos financeiros na propriedade, em certa medida, porque os produtos não estão atrelados a comercialização. Entretanto, ao mesmo tempo em que desconsideram os produtos aos “olhos do mercado”, intuitivamente sabem da sua importância na alimentação e a não necessidade de adquiri-los fora da propriedade. As

¹⁰ Foram contabilizadas 1.748 propriedades em Arroio do Tigre/RS

configurações que contemplam as estratégias de reprodução básicas servem como fios condutores importantes para subsídios a atividade principal. Portanto, recorremos a Grisa e Schneider (2008, p. 19) para reforçar nossa concepção onde “não é possível afirmar que a produção para autoconsumo é uma prática restrita as propriedades descapitalizadas ou decadentes, pelo contrário, esta prática também é recorrente em agricultores familiares consolidados”.

Nesse momento, apontamos nossa alça para os animais que preenchem o universo das unidades de produção agrícolas. A Tabela 04, com exceção dos bovinos, suínos e peixes, todos são para o autoconsumo da propriedade ou para exercer alguma função benéfica para as famílias agricultoras. Por exemplo, cães têm função de proteção e segurança do local, quando da ausência da família, seja por motivos de trabalho na lavoura ou viagens para tramitação de documentos e transações no centro urbano. Os gatos, na maioria das vezes, têm a função de espantar os ratos evitando prejuízos à produção estocada na unidade agrícola. Os gansos, angolas, perus, marrecos, patos, coelhos, galinhas, caprinos e ovinos tem a função, basicamente, para o consumo da família. No que diz respeito aos açudes com peixes, o início e incentivo das atividades de pisciculturas no município tem como função agregar renda a propriedade, através de sua comercialização nas feiras do município ou durante o Festival da Carpa – Festicarp, que acontece bianualmente. As abelhas não produzem mel em quantidade significativa para atingir escala mercantil, portanto, é empregado no consumo familiar. Talvez, aqui, fosse interessante o estudo de Carneiro (2009) onde demonstra a prevalência do rompimento da imagem do agricultor como um homo economicus, orientado unicamente por uma racionalidade econômica, no entanto, esse passando a considerar a totalidade da vida social das famílias rurais que tem na agricultura uma de suas atividades. Tal visão evoca para a contribuição não diretamente produtiva de agricultores, independente de seu estatuto como produtor.

Animais	Quantidade/ Número ¹⁰
Bovinos	13.292
Ovinos	788
Caprinos	565
Suínos	10.725
Equinos	130
Coelhos	316
Caninos	3.001
Açudes com Peixes	806
Caixas com Abelhas	1.851
Galinhas	64.548
Patos	311
Marrecos	128
Perus	83
Angola	333
Ganso	154
Gatos	1.551

Tabela 04- Censo de animais em Arroio do Tigre - Junho de 2010
Fonte: Redin (2011)

Enfatizamos a bovinocultura de leite presente nas unidades com facilidade de acesso, pela necessidade do transporte logístico do produto diariamente ou, às vezes, a cada dois dias, dependendo da situação. Presenciamos agricultores que não cultivavam fumo e se dedicavam intensamente à produção leiteira e as culturas de milho e soja, principalmente. No entanto, também verificamos agricultores em que a dinâmica da agricultura envolvia o fumo como atividade principal, as atividades complementares como a soja, milho, trigo; as atividades básicas para o autoconsumo, aliado a tudo isso, ainda com ênfase na atividade leiteira, função especialmente regida pelas mulheres. A produção de leite¹¹ transita entre a atividade principal, em alguns casos, estratégia complementar em outros, e básica no restante. Nos agricultores que já estão mais modernizados, tentando seguir os padrões da Normativa 51¹², podemos afirmar que essa atividade já transita na estratégia de reprodução complementar ou na estratégia de reprodução principal¹³. Devido às mudanças e exigências estabelecidas para garantir a qualidade do produto, isso acarretou na exclusão de muitos agricultores em Arroio do Tigre que comercializavam eventualmente, portanto, com baixa escala. Desse modo, esses agricultores, atualmente, possuem uma ou duas vacas leiteiras apenas para o consumo da família, a esses relegamos como uma estratégia de reprodução básica.

A produção de suínos atingindo 10.720 cabeças em Arroio do Tigre/RS no passado já foi muito mais requisitada. Em 1996, na localidade de Linha Paleta foi inaugurado um condomínio de suínos envolvendo muitas propriedades agrícolas na região. Este condomínio tinha como objetivo criar as matrizes, repassando para os agricultores engordar os animais. Nesse momento, existiu por parte dos agricultores que se integraram a essa associação, a necessidade de investimentos para alocar os suínos e fazer o processo de engorda. Após o animal ter atingido o porte ideal ele era levado a sede do condomínio onde seria vendido em conjunto com outros animais dos associados. O agricultor recebia os rendimentos com base no peso que cada animal ganhou em sua propriedade. Nos primeiros anos, essa atividade teve muito êxito e incentivo, entretanto, instaurou-se uma crise no setor que, acabou aos poucos, suprimindo o número de associados. O condomínio denominado “29 de Maio” foi aos poucos perdendo sua função, sendo que, atualmente, é administrado, somente, por um agricultor que decidiu investir esforços para sua continuidade. Talvez, grande parte dos animais contabilizados na Tabela 04 é deste local. Por outro lado, os suínos nas demais regiões do município são apenas para o consumo de carne e banha, sendo eventualmente comercializados em caso de dificuldades financeiras internas para outros produtores ou para duas agroindústrias familiares rurais que estão no ramo dos produtos de origem animal, sendo que apenas uma delas conseguiu atingir as exigências da legalização sanitária e ambiental. Por isso, que enquadramos a produção de suínos na estratégia de reprodução básica.

Assim sendo, como Arroio do Tigre caracteriza-se por uma agricultura de base familiar interligada, de certa forma, com o mercado. Nesse contexto, é interessante trazermos a tona Prieb (2005) salientando o fato de a agricultura familiar estar em constante procura de maior integração ao mercado e a produção capitalista, não contrariando, destarte, as tendências mais gerais das necessidades do capital. Entretanto, mesmo que em distintos graus, possui o controle dos meios de produção e dos processos de trabalho no interior de sua unidade. Deste modo, pode exercer uma autonomia relativa, que permite alguma possibilidade de escolha de estratégias de reprodução. Schneider (1999) explica que pelo motivo das decisões tomadas pela família e o grupo doméstico, perante as condições materiais, ao ambiente social e econômico em que está introduzida, que ocorrerá ou não sua reprodução social, econômica e até mesmo cultural.

¹¹ Segundo informações da Secretaria da Agricultura em 2009, Arroio do Tigre estava com uma produção de leite no patamar de 16.000 mil litros/dia.

¹² Não é nosso propósito afunilar este tema, mas para conhecimento a A normativa número 51 (IN51) de 18 de setembro de 2002 visa garantir a qualidade por meio de regras técnicas de produção e identidade do leite, tipificando em A, B ou C, além disso, estabelece normas para a coleta do leite cru refrigerado, bem como no seu transporte a granel. Para mais informações sugerimos a consulta no site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) que pode ser acessado em: <http://www.agricultura.gov.br/>

¹³ Segundo Redin (2011) existem três tipos de estratégia para o município de Arroio do Tigre/RS: a) estratégia de reprodução principal: designa a cultura do fumo como a base estrutural das unidades de produção, servindo como principal orientação financeira e determinando a alocação dos fatores de produção e a presença (em maior ou menor grau) de outros sistemas de produção; b) estratégia de reprodução complementar: envolvem os produtos agrícolas voltados para a comercialização do excedente como o milho, trigo, feijão e soja (voltado somente para venda) e atividade de pecuária de corte e leite, em alguns casos. A principal função é servir como complementação de renda, consolidando e fornecendo segurança em eventuais dificuldades ou frustrações de safra da atividade principal; c) estratégia de reprodução básica – tem característica voltada, principalmente, para o autoconsumo

da família sendo em raros casos comercializados. Em determinadas propriedades, dependendo da contingência, pode existir uma transição entre a estratégia de reprodução básica e a complementar.

Nesse contexto, Prieb (2005) faz questão de apontar duas ressalvas: a) mesmo que se aceite que a tomada de decisão seja familiar, precisamos relativizar, pois é importante fazer uma distinção em que a organização do mercado reproduzida pelo movimento do capital é que proporcionam graus de liberdade estreitos de escolha das atividades que permitem a sua reprodução. E as práticas da unidade de produção são decididas pela própria vontade dos agricultores dentro desses limites estreitos, impostos pelos capitais que aí operam; b) existem vários analistas que ressaltam a ideia de existência de uma ruptura no campo, capaz de implicar, inclusive, a unidade de análise proeminente para a realidade que se atribui, qual seja, a presença marcante de atividades não agrícolas no meio rural ou a pluriatividade.

Ademais, verificamos o destaque da produção de tabaco no meio rural e a representatividade da cultura atingindo 90% das propriedades rurais, sendo este o maior produtor de fumo tipo Burley do sul do país e a cultura do tabaco respondendo por 43,8 milhões de reais no município, bem como representando 57% do valor produzido na propriedade, segundo dados da Afubra (2010). Diante desse contexto, as outras atividades agrícolas, quando consolidadas, são importantes instrumentos para minimizar a dependência de renda da cultura do tabaco.

Considerações finais

As potenciais atividades agrícolas locais representam a essência do desenvolvimento econômico do município e dos agricultores da região. A atividade fumageira destaca-se pela possibilidade de alcançar uma alta renda bruta por hectare em região caracterizada por pequenas propriedades rurais, fornecendo as famílias acesso a bens e serviços que, até o momento, seria mais difícil com outros produtos. A evolução e as transformações do mercado agrícola, apenas, modificaram a pretensão e a escala de produção, pois determinados alimentos já eram cultivados desde sua colonização.

A investigação possibilitou identificar que o município, diante da orientação para a cultura do tabaco, apresenta um leque interessante de produtos agrícolas voltados para o mercado, bem como para o consumo da família e da propriedade. Contata-se, portanto, que as estratégias usadas na unidade de produção objetivam minimizar os riscos das atividades no rural. Algumas tentativas não tiveram êxito ao longo das últimas décadas, como é o caso da suinocultura, devido às influências externas a gestão dos agricultores. O sistema de integração do tabaco fortaleceu-se nos últimos anos proporcionando condições para o crescimento econômico de alguns agricultores mais organizados. No momento, é a principal forma de ingresso financeiro diante das dificuldades enfrentadas pelas commodities tradicionais que sofrem variações repentinas, aumentando a apreensão sobre as formas de gestão dos agricultores.

Por fim, este estudo ressalta a importância das atuais atividades agrícolas locais no processo de geração de renda aos agricultores e movimentação da economia de Arroio do Tigre/RS. A agricultura, base orientadora do município, pode sofrer impactos negativos em safras malsucedidas, consequentemente, afetando comércio e redes urbanas. Portanto, fortalecer o setor com políticas incentivadoras e proporcionar alternativas as atuais culturas, que possibilitam agregar valor ao produto e fornecer maior autonomia ao agricultor é um objetivo lúcido, necessário e importante para o desenvolvimento deste local.

Referências

- AFUBRA. Associação dos Fumicultores do Brasil. Disponível em: < <http://www.afubra.com.br/principal.php>>, Acesso em 2010.
- CARNEIRO, M. J. Pluriatividade da agricultura no Brasil: uma reflexão crítica. In: SCHNEIDER, S. (org). A diversidade da agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 167- 187.
- ELLIS, F. Rural livelihoods and diversity in developing countries. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE DADOS. Dados anuais por variáveis: Arroio do Tigre. 2009. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/sel_modulo_pesquisa.asp> Acessado em 14 de outubro de 2010.
- GRISA, C.; SCHNEIDER, S. Fatores Determinantes na produção para autoconsumo na agricultura familiar: um estudo comparativo no Rio Grande do Sul. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciências Sociais, Vol. 17, nº 2, 2008.
- LABORATÓRIO DE GEOPROCESSAMENTO UNISC. Mapas de Arroio do Tigre In: RAUBER, Alexandre. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rauber@unisc.br> em 15 abr. 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Agropecuário. Rio de Janeiro: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2009. p.1-267.
- MULLER, G. Complexo agroindustrial e modernização agrária. São Paulo: Hucitec Educ, 1989.
- PAULILO, M. I. S. Produtor e agroindústria: consensos e dissensos: O caso de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.
- PRIEB, R. I. P. Pluriatividade na produção familiar fumageira. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.
- REDIN, E. Entre o produzir e o reproduzir na agricultura familiar fumageira de Arroio do Tigre/RS. (Dissertação de Mestrado). Santa Maria: PPGEExR/UFSM, 2011.
- REDIN, E.; LUNARDI, R. Diagnóstico da atividade fumageira de agricultores de Linha Paleta, Arroio do Tigre/RS com foco na questão ambiental. Cachoeira do Sul: UERGS, 2007.
- REDIN, E.; SILVEIRA, P. R. C. A condição camponesa revisitada: transformações e permanências. Revista Isegoria: Minas Gerais: UFV, 2011.
- SCHNEIDER, S. Agricultura Familiar e Pluriatividade. (Tese de Doutorado). Porto Alegre, 1999.
- VAN DER PLOEG, J. D. O modo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, Sérgio (org.) A diversidade da Agricultura Familiar. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2006.